

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

26 Out 2018  
21:00 Sala Suggia

-  
ANO ÁUSTRIA

**Baldur Brönnimann** *direcção musical*

## **Gustav Mahler**

Sinfonia n.º 7 em Mi menor (1904/05; c.1h20min)

1. *Langsam. Adagio – Allegro risoluto, ma non troppo*
2. *Nachtmusik I. Allegro moderato*
3. *Scherzo. Schattenhaft. Fließend, aber nicht schnell*
4. *Nachtmusik II. Andante amoroso*
5. *Rondo-Finale. Tempo I (Allegro ordinario) – Tempo II (Allegro moderato ma energico)*



casa da música

MECENAS CICLO MDS

**MDS** Global Insurance  
& Risk Consultants



Maestro Baldur Brönnimann  
sobre o concerto.

<https://vimeo.com/297056948>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## Gustav Mahler

KALISTE, 7 DE JULHO DE 1860

VIENA, 18 DE MAIO DE 1911

### Sinfonia n.º 7 em Mi menor

Orquestra: flautim, 4 flautas, 3 oboés, corne inglês, clarinete em Mi bemol, 3 clarinetes em Si bemol, clarinete baixo, 3 fagotes, contrafagote, trompa tenor em Si bemol, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, percussão (timbales, *glockenspiel*, chocalhos), 2 harpas, guitarra, bandolim e cordas.

A Sétima Sinfonia de Mahler foi estreada a 19 de Setembro de 1908 em Praga, cidade que fazia parte do império austro-húngaro e na qual decorriam as sumptuosas comemorações dos 60 anos de reinado do imperador Francisco José I, então com 80 anos de idade. Mahler, que tinha composto esta sinfonia três anos antes, nos Verões de 1904 e 1905, deslocou-se para Praga na companhia de vários alunos e assistentes, que o auxiliaram nos ensaios, nomeadamente em correcções às partes instrumentais. Entre esses jovens encontravam-se Alban Berg e Otto Klemperer, ambos especialmente activos durante os ensaios, que decorreram no pavilhão central da grande exposição dedicada a Francisco José I. Durante os ensaios Mahler estava agitado, procedendo a constantes revisões e alterações da instrumentação, inclusivamente depois do ensaio geral. Segundo Alma Mahler (que chegou a Praga na véspera da estreia), estava “nervoso, quase doente; o seu quarto no hotel tinha folhas de música espalhadas pelas mesas e pelo chão”. Contrariamente ao habitual, evitava a companhia dos músicos e deitava-se logo a seguir ao jantar. Para surpresa de Alma, nem sequer a foi esperar pessoalmente

à estação, tendo enviado o seu assistente Berliner, que a conduziu ao hotel. Entre o período de composição desta sinfonia e a data da estreia algo mudou profundamente na vida de Mahler: durante o tempo de composição (1904/05) tudo parecia correr bem, o casamento com Alma era feliz e uma segunda filha nasceu (Anna Mahler); em 1907, porém, a sua primeira filha, Maria, morreu de febre escarlatina, além de ter sido diagnosticada ao compositor uma doença coronária incurável, que lhe proibia terminantemente a prática dos seus passatempos favoritos – caminhar, andar de bicicleta e nadar. Em Setembro de 1908, em Praga, durante os ensaios finais da sinfonia, Mahler encontra-se num estado mental complexo, misto de resignação, revolta e depressão. A Sétima Sinfonia, composta num momento luminoso, mas instrumentada e revista num período negro, é um caso mais de profunda introspecção psicológica de Mahler, construindo um fluxo sonoro próximo do ‘psicograma’ – um registo preciso de uma viagem ao interior da mente do compositor austro-boémio-hebraico.

Esta viagem interior teve como ponto de partida concreto e real uma brevíssima viagem de barco a remos no lago Wörther, entre a vila de Krumpendorf e a residência de Verão de Mahler, no lado oposto do lago: “Ao primeiro golpe de remo tive logo a ideia do tema (sobretudo do seu ritmo e estilo) para a introdução do primeiro andamento, e quatro semanas mais tarde os andamentos 1, 3 e 5 estavam completamente redigidos! Consegues acreditar?”, escreveu Mahler a Alma no fim do Verão de 1904. Nesse Verão, tinha-se deslocado para o lago Wörther com o intuito de compor. Contudo, a ausência de inspiração levou-o a ‘fugir’ para os Dolomitas austríacos, onde, porém, a situação se manteve. Pensando que aquele Verão estava perdido, enviou a sua família para Viena

e regressou sozinho ao lago Wörther. Foi então, mal começou a atravessar o lago, que teve a tal inspiração redentora.

A música composta nessa altura (os esboços dos andamentos 1, 3 e 5) revela imediatamente uma característica fundamental desta sinfonia: dois andamentos de grandes dimensões e sonoridade monumental, colocados no início e no fim, enquadram uma parte central mais camerística, de menores dimensões temporais, num estilo enigmático e misterioso. Posteriormente, Mahler viria a enquadrar por sua vez este andamento central com duas *Nachtmusiken*, dois 'nocturnos' orquestrais de qualidades 'psicologizantes' óbvias.

O centro nevrálgico da Sétima Sinfonia, o seu coração profundo, encontra-se por isso no *Scherzo*, um andamento fantasmagórico de claras conotações nocturnas e enigmáticas, ao qual Mahler deu o subtítulo de *schattenhaft* – quimérico, vago, incerto. Mais do que nocturna, trata-se de uma visão arrepiante de universos subterrâneos, universos interiores profundos, revelação onírica do inconsciente mahleriano, mas também de toda uma época. Apesar de ser um *scherzo*, este andamento é claramente uma valsa que o quer ser e continuamente falha. É uma valsa virtual, um sonho desesperado de valsa, como que uma visão opticamente distorcida de uma certa ideia de valsa. Como desconstrução da 'valsa', este andamento prenuncia já *La Valse* de Ravel, obra que elabora num outro estilo uma ideia de base semelhante.

Antes e depois do *Scherzo*, Mahler compôs dois nocturnos, assumindo o risco de usar uma denominação com raízes e implicações românticas evidentes, mormente as de associações com certas formas históricas de serenada ao ar livre, de cantilenas melancólicas ou de agitados elfos noctívagos. A proximidade

ao universo de Schopenhauer (que Mahler lia avidamente) é notória: "O compositor revela a essência mais interior do Mundo e proclama a mais profunda sabedoria numa linguagem que a razão não entende; tal como um sonâmbulo revela qualidades das coisas, que em estado de vigília não reconhece minimamente" (Schopenhauer). A ideia de que a música provinha e pertencia essencialmente ao mundo da noite, da escuridão, do sonho, do inconsciente dominava o pensamento de Mahler. O dia e a luminosidade pertenciam ao reino da razão, da lógica, da palavra.

*Nachtmusik I* funciona como uma balada, tendo momentos exuberantes e outros mais íntimos, líricos e intensos. É a última vez que Mahler usa um ritmo de marcha nas suas sinfonias, representando musicalmente uma ronda nocturna cheia de fantasia. Este andamento transporta-nos para o mundo da noite e prepara progressivamente o espaço mental para o sonho do *Scherzo* fantasmagórico que se segue.

Com *Nachtmusik II* – o equivalente mahleriano das peças de carácter de Schumann, uma espécie de 'página de álbum' alargada a uma orquestra grande e particular – o compositor sai do sonho fantástico através de uma serenada nocturna, na qual o bandolim e a guitarra assumem protagonismo. Com um tempo *Andante amoroso* e com a indicação 'graziosissimo' para uma passagem do violino solo, Mahler indica claramente um ambiente geral romântico, tão sereno e misterioso, como envolvente e caloroso.

Em crasso contraste com este três andamentos centrais, Mahler concebeu os dois andamentos exteriores (o primeiro e o último) como duas afirmações poderosas de luminosidade ofuscante. Nas palavras de Paul Bekker, "o primeiro andamento é como uma libertação



de forças activas e actuantes, que passam do sonho inconsciente para a clara consciência”. A quase marcha fúnebre do início da sinfonia, com as suas figuras arrastadas, desenvolve-se progressivamente em direcção a uma afirmação desinibida, carregada de impulsos rítmicos, sinais e fanfarras espampanantes, restos de música militar pomposa e exuberante. A presença constante dos metais tocando acordes densos em ritmos muito vivos contribui para uma atmosfera geral ‘ao ar livre’, como se a música traduzisse uma vasta paisagem natural, povoada de gentes e exércitos em movimento. De acordo com Donald Mitchell, “não há nenhuma pista programática para esta sinfonia, mas se os sinais e as imagens da introdução lenta do primeiro andamento forem lidos correctamente, pode defender-se a ideia de que esta sinfonia como um todo foi concebida à volta da noção poética de ‘Natureza nocturna’, evoluindo através de muitas sombras de escuridão em direcção à luz do andamento final”.

O último andamento é um Rondó, um amplo panorama de temas, ideias e mesmo estilos diferentes, unificados apenas por um impulso rítmico constante proveniente do tema principal do primeiro andamento. Muito se tem discutido sobre as qualidades deste andamento, sendo frequente ler-se que se trata do andamento mais problemático de toda a obra de Gustav Mahler. As críticas mais importantes que se lhe costumam fazer têm que ver com a arbitrariedade da inexplicável mudança de tonalidade para Dó maior e com um carácter geral de ostentação sonora, sem relação evidente com os andamentos precedentes. Importa, porém, referir que Mahler pretendia precisamente terminar com uma afirmação clara e evidente de ‘luminosidade’, de conclusão desta ‘sinfonia da noite’ numa alvorada inequí-

voca. E para isso contribui também o carácter rapsódico deste andamento.

De acordo com Theodor Adorno, a Sétima Sinfonia “transpõe as qualidades das sinfonias instrumentais precedentes (5ª e 6ª) para o mundo imagético do primeiro Mahler (das sinfonias 1 a 4)”, podendo ser ouvida como uma síntese entre as sinfonias “da trompa mágica do rapaz” e as sinfonias instrumentais, uma confluência dos “sons da natureza” com o universo interior de Gustav Mahler. Enquanto representação musical da paisagem interior da mente de Mahler, esta sinfonia estabelece uma relação de complementaridade com a Terceira Sinfonia, a qual representa musicalmente a paisagem natural (exterior) que o compositor viu e ouviu nas montanhas austríacas à volta de Steinbach – as montanhas, os lagos e os caminhos do Tirol. E se Mahler, a propósito da Terceira Sinfonia, disse a Bruno Walter que já não era preciso olhar para a paisagem envolvente, porque ela já estava toda dentro da sua música, podemos ser tentados a dizer que não é preciso perscrutar a alma de Mahler, pois ela está toda dentro da Sétima Sinfonia.

PAULO DE ASSIS, 2011

## **Baldur Brönnimann** *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann. Apresentou-se em festivais como BBC Proms, Wien Modern, Darmstadt e Mostly Mozart no Lincoln Center. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, acredita firmemente na importância das actividades de âmbito educativo e comunitário e na necessidade de questionar as fronteiras tradicionais da música clássica. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2018/19, Brönnimann regressa à Filarmónica de Seul e estreia-se com a Filarmónica do Luxemburgo (no âmbito do festival de música contemporânea *Rainy Days* na Philharmonie desta cidade), a Staatskapelle Weimar, a Orquestra da Rádio Norueguesa, as orquestras de Valência, Galiza e Astúrias, e a Tapiola Sinfonietta (Finlândia). Será o Director Artístico do Avanti! Festival 2019 na Finlândia. Das temporadas passadas, destacam-se colaborações com as Filarmónicas de Oslo e Real de Estocolmo, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica da BBC e a Filarmónica de Bergen, entre outras. Recentemente estreou-se com as Sinfónicas das Rádios de Viena, Frankfurt e WDR, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa e as Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Trabalha frequentemente com o Klangforum Wien, tanto em Viena como em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English National Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski, *The Little Match Girl* de Lachenmann (com o compositor no papel de narrador) e *Die Soldaten* de Zimmermann.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austríaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também em prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gullbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.



### **Violino I**

Zofia Wóycicka  
Iarina Khmelik  
Maria Kagan  
Emília Vanguelova  
Roumiana Badeva  
Tünde Hadadi  
Andras Burai  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Vadim Feldblioum  
Alan Guimarães  
Diogo Coelho\*  
Jorman Hernandez\*  
Flávia Marques\*  
Raquel Santos\*  
Pedro Carvalho\*

### **Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Mariana Costa  
Paul Almond  
José Paulo Jesus  
Domingos Lopes  
Pedro Rocha  
Francisco Pereira de Sousa  
Ana Luísa Carvalho\*  
Nikola Vasiljev  
Jean Philippe Passos\*  
José Sentieiro  
Sara Veloso\*

### **Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Hazel Veitch  
Emília Alves  
Luís Norberto Silva  
Biliana Chamlieva  
Jean Loup Lecomte  
Francisco Moreira  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Virginia Corrales Rodriguez\*  
Beata Costa\*

### **Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
Gisela Neves  
Svitlana Gavrikova Fraga\*  
Aaron Choi  
Duarte Matos\*  
Bruno Cardoso  
Hrant Yeranosyan

### **Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec  
Nelson Fernandes\*  
João Fernandes\*

### **Flauta**

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Vera Morais\*  
Alexander Auer

### **Oboé**

Aldo Salvetti  
Roberto Henriques  
Tamás Bartók  
Eldevina Materula

### **Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
Pedro Silva\*  
Gergely Suto  
João Moreira

### **Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Liliana Reis\*  
Vasily Suprunov

### **Trompa**

Juan Manuel Gomez\*  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Bohdan Sebestik

### **Trompeta**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Ivan Crespo

### **Trombone**

Severo Martinez  
André Conde\*  
Nuno Martins  
Dawid Seidenberg

### **Trompa tenor**

Dawid Seidenberg

### **Tuba**

Sérgio Carolino

### **Tímpanos**

Jean-François Lézé

### **Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*

### **Harpa**

Ilaria Vivan  
Ana Paula Miranda\*

### **Guitarra**

Rui Gama\*

### **Bandolim**

António Vieira\*

\*instrumentistas convidados

**03 Nov Sáb - 18:00 Sala Suggia**  
**As Estações**

**Orquestra Sinfónica &  
Coro Casa da Música**

Leopold Hager direcção musical

Christina Landshamer soprano

Martin Mitterrutzner tenor

Tareq Nazmi barítono

Joseph Haydn *As Estações*

Depois do êxito que foi *A Criação*, Haydn volta a trabalhar com o libretista Van Swieten numa grande oratória e acaba por escrever aquela que se revelaria uma das suas maiores obras-primas. Desenhada aparentemente como uma reflexão sobre a Natureza, a oratória *As Estações* começa com o lançamento das sementes na Primavera, descreve a aurora de um dia de Verão e uma arrebatadora tempestade, assinala as colheitas de Outono e sentencia um Inverno rigoroso que tudo apaga. Na verdade, é uma alegoria da vida que se constrói sobre um manancial riquíssimo de ideias melódicas nascidas da autenticidade das canções tradicionais, mas explorando também uma linguagem erudita que sugere a real profundidade da obra – a inexorável marcha da vida e a esperança numa nova existência, “livre para sempre de sofrimento e morte”.

**04 Nov Dom - 18:00 Sala Suggia**  
**O Regresso de Andreas Staier**

1ª Parte

**Remix Ensemble  
Casa da Música**

Peter Rundel direcção musical

2ª Parte

**Orquestra Barroca  
Casa da Música**

Andreas Staier cravo e direcção musical

Obras de Gato, Staud, Corbett,  
Seixas e Scarlatti

Carlos Seixas foi um dos primeiros compositores europeus a escrever concertos para cravo e orquestra de cordas. É com dois concertos de Seixas que o prestigiado cravista Andreas Staier regressa à Casa da Música, retomando uma fértil colaboração com a Orquestra Barroca. Quem cedo reconheceu o talento de Seixas foi Domenico Scarlatti, quando serviu na corte portuguesa. As suas sonatas permanecem como autênticas jóias do período Barroco, e Staier é um dos seus intérpretes mais aclamados. No mesmo período em que estes virtuosos se cruzavam em Lisboa, um compositor inglês vivia em Itália – actuando, diz-se, como espião da coroa inglesa. De regresso ao seu país, publica uma série de concertos grossos intitulados *Le Bizzarie Universali*, cada um dos quais apresentado como a representação estilística de uma diferente nação. O percurso por pérolas da música setecentista é precedido, neste concerto duplo, por música nova apresentada pelo Remix Ensemble, incluindo uma das encomendas feitas pela Casa da Música ao Jovem Compositor em Residência, Gonçalo Gato.

**06 Nov Ter - 19:30 Sala Suggia**  
**Invenções Barocas**

1ª Parte

**Orquestra Barroca**  
**Casa da Música**

Andreas Staier cravo e direcção musical

2ª Parte

**Remix Ensemble**  
**Casa da Música**

Peter Rundel direcção musical

Jonathan Ayerst piano

Obras de Avison, Scarlatti, Boccherini,  
Friedrich e Furrer

PORTRAIT GEORG FRIEDRICH HAAS VI

Domenico Scarlatti foi um verdadeiro mestre da escrita para tecla, com uma colecção de 555 sonatas que são um tesouro do Barroco – e das quais Andreas Staier é um dos intérpretes mais reconhecidos. Mas não se lhe conhece um único concerto para solistas e orquestra. O inglês Charles Avison criou um conjunto de *concerti grossi* a partir das sonatas do compositor italiano, já então muito apreciadas nas Ilhas Britânicas. Prosseguindo essa tradição, o próprio Staier adapta um quinteto de Boccherini que representa a música nocturna nas ruas de Madrid. A forma *concerto*, promovendo o diálogo entre um ou mais solistas e o conjunto orquestral, permaneceu até hoje como uma forma de expressão musical fundamental. O Remix apresenta um exemplar saído da pena do austríaco Beat Furrer que é uma fascinante exploração das sonoridades do piano, das suas ressonâncias e da sua plasticidade. Destaque ainda para a estreia mundial de uma encomenda ao Compositor em Residência 2018.

**10 Nov Sáb - 18:00 Sala Suggia**  
**Contos de Viena**

**Orquestra Sinfónica &**  
**Remix Ensemble**  
**Casa da Música**

Peter Rundel direcção musical

Benjamin Schmid violino

Obras de Schubert, Mozart, Haas e Strauss II

PORTRAIT GEORG FRIEDRICH HAAS VII

O Remix Ensemble partilha pela primeira vez o palco com a Orquestra Sinfónica, actuando como ensemble de solistas para um Concerto grosso contemporâneo do Compositor em Residência 2018. Partindo desta forma característica do período Barroco, Haas explora os contrastes entre o intimismo da música de câmara e o poder sonoro da orquestra sinfónica. Neste programa inteiramente centrado no Ano Áustria, merece destaque o regresso do violinista virtuoso Benjamin Schmid, que encerra a Integral dos Concertos para Violino de Mozart com o célebre *Concerto Turco*, onde podemos imaginar as percussões tradicionais através de efeitos nos violoncelos e nos contrabaixos. Representação clássica da música vienense são as famosas valsas, especialmente com as criações da família Strauss. *Contos dos Bosques* de Viena é uma grande valsa em forma de poema sinfónico, com tamanha força comunicativa que a tornou uma das mais célebres de sempre.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

